

VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NOS RELACIONAMENTOS CONJUGAIS E A DEPENDÊNCIA EMOCIONAL: fator que influencia a permanência na relação

Daniele da Silva¹
Renata Limongi França Coelho Silva²

328

Resumo: A violência contra a mulher é algo que preocupa toda a população. Em geral, isso acontece devido o aumento dos índices de violência. Diante desses fatores esse artigo tem como principal objetivo verificar a permanência da mulher vítima de violência doméstica na relação conjugal, utilizando como fator de análise a dependência emocional, para realização do trabalho foi aplicado um questionário em três participantes na Delegacia Especializada ao Atendimento à Mulher na cidade de Catalão-Goiás. Como resultado pode-se perceber que vários fatores corroboram para a dependência da mulher na relação violenta: dependência financeira, os filhos, esperança de que o parceiro mude, a dependência emocional, sendo o fator de maior permanência o medo de perder o parceiro ou de não conseguir arrumar outra pessoa que as ame, ou até mesmo pena do agressor. Através dos estudos realizados pode-se concluir que a dependência emocional faz com que a mulher permaneça na relação de violência, bem como o medo de não encontrar alguém que a ame na mesma intensidade que ela, alguém que a valorize, que a queira com filhos, faz com que cada vez mais ela se torne dependente da relação. Quando a mulher começa a verificar os fatores que a mantém na relação e deseja dar um basta na situação, começa a ter autonomia e começa a fazer escolhas que lhe permitem ter uma vivência diferente do que ela está acostumada, sendo a partir desse momento o encerramento do ciclo de violência e a atitude do ato da denúncia.

Palavras-chave: Violência contra a mulher. Dependência emocional. Ciclo de violência.

Abstract: Violence against women is something that concerns the entire population. In general, this is due to the increase in violence rates. In view of these factors, this article has as main objective to verify the permanence of the woman victim of domestic violence in the marital relationship, using emotional dependence as a factor of analysis. In order to carry out the work, a questionnaire was applied to three participants in the Specialized Police Station for Women

¹ (Psicóloga /Cesuc)

² Possui graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (2003), especialização em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás (2006), graduação em Pedagogia pela PUC Goiás (2008), mestrado em Psicologia pela PUC Goiás (2009) e doutorado em Psicologia pela PUC Goiás (2019), com bolsa FAPEG. Atualmente atua como Psicóloga Clínica, docente e consultora educacional, criando e implementando o curso de Psicologia na Faculdade CESUC (2012-2019). Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia Clínica e Psicologia Jurídica, realizando trabalhos envolvendo autismo, processo terapêutico, orientação profissional e violência.

Recebido em 06/05/2019
Aprovado em 01/06/2019

city of Catalão-Goiás. As a result, it can be seen that several factors corroborate the woman's dependence in a violent relationship: financial dependence, children, hope that the partner will change, emotional dependence, the most permanent factor being the fear of losing the partner or of failing to find someone else who loves them, or even pity the aggressor. Through the studies carried out it can be concluded that emotional dependence causes the woman to remain in the violent relationship, as well as the fear of not finding someone who loves her in the same intensity as her, someone who values her, who wants her with children, makes it increasingly dependent on the relationship. When the woman starts to check the factors that keep her in the relationship and wants to put an end to the situation, she starts to have autonomy and starts to make choices that allow her to have a different experience than what she is used to, being from that moment the closure of the cycle of violence and the attitude of the act of the complaint.

Keywords: Violence against women. Emotional dependence. Cycle of violence.

1. Introdução

O tema violência contra mulher vem sendo bastante discutido e tem se tornado cada vez mais conhecido pela população em geral. De acordo com a Lei Maria da Penha (2006), violência contra mulher trata-se de qualquer ação ou omissão que, baseada no gênero, cause à mulher morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico, bem como dano moral ou patrimonial, que se dê no âmbito da unidade doméstica e familiar, ou em qualquer relação íntima de afeto em que o agressor conviva ou tenha convivido com a vítima.

A Lei 11.340 (2006) define várias formas de violência doméstica contra a mulher: a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda a integridade ou a saúde corporal da mulher; violência psicológica, sendo qualquer ato do agressor que cause a vítima dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões entre outros fatores.

A violência sexual, percebida como qualquer conduta que constranja a mulher e a obrigue a presenciar, manter a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição. A violência patrimonial, entendida como qualquer ação que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades, (Lei nº 11.340, 2006).

Pensando nas diferentes formas de violência e nos prejuízos que estas podem acarretar na vida da mulher algumas áreas de estudos da Psicologia tentam explicar o porquê esse tipo de comportamento acontece e uma delas é a análise do comportamento que demonstra que a violência na relação afetivo-conjugal faz parte da relação de comunicação entre alguns casais, o que proporciona que o relacionamento tenha ação nas duas vias, oscilando entre o amor e a dor. Os atos de violência no vínculo conjugal sejam físicos, sexuais, emocionais ou psicológicos, são estabelecidos entre marido e mulher por meio de uma linguagem relacional, ou seja, a forma de se comunicar de cada casal, como se fosse um jogo (GROSSI, 1998).

Por outro lado, Skinner o propulsor da análise do comportamento enfatiza que a violência pode ser vista como um sinônimo de coerção, pois os agressores agem assim como uma forma de repressão, e punição contra as mulheres (SKINNER, 2003).

Cardoso (1997) relata sobre o jogo emocional que existe na relação disfuncional entre o agressor e a vítima, pois quando separados o homem faz promessas de que irá mudar e a mulher por estar dependente emocionalmente do parceiro acredita e volta a conviver com o parceiro reiniciando então o ciclo de violência.

A partir disso, nota-se tamanha dependência emocional da mulher com relação ao agressor, o que contribui para sua permanência nos relacionamentos abusivos tendo seu companheiro total capacidade de influenciar nas suas decisões. Segundo Cardoso (1997), a mulher tem necessidade de se manter na relação, nem que para isso tenha que assumir a responsabilidade de tudo que ocorre no relacionamento.

Algumas áreas de estudos dentro da análise do comportamento denominada como análise funcional também explica qual a função de cada comportamento diante das contingências estabelecidas no ambiente, Pereira; Carmago e Aoyama (2018) realizaram um estudo prático da análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos, e teve como objetivo identificar quais as variáveis que faziam com que as mulheres continuassem nesses relacionamentos e dentre eles foram identificados fatores emocionais, financeiros, esperança da mudança do comportamento do parceiro, preocupação com a criação dos filhos e a falta de rede de apoio.

A análise funcional irá fazer a identificação de quais fatores que contribuem para a dependência do evento que está acontecendo e qual a relação que essa dependência tem com as variáveis que são encontradas no ambiente. (CHIESA, 1994, p.133). Em vez de tentarmos identificar o agente originador do comportamento iremos verificar quais as razões que levaram

o acontecimento desse comportamento assim a análise estará voltada para o reconhecimento de múltiplas redes de determinações do comportamento (NENO, 2003).

Lins (2017) aponta que através da análise funcional do comportamento podemos entender a dependência emocional das mulheres nos relacionamentos violentos e sua diferença com o sentimento de amor. A dependência emocional é caracterizada por reforço negativo, pois leva em consideração o medo que a mulher tem de perder o afeto do seu parceiro, enquanto o amor configura-se em reforço positivo, pois acrescenta-se a afetividade, afirmando que quando duas pessoas ficam juntas por hábitos ou dependências emocionais elas tendem a desencadear um ódio inconsciente uma pela outra, o que provoca cada vez mais o aumento de uma relação disfuncional e até mesmo o aumento das agressões.

Damasceno (2018) comenta que é necessário entendermos o que a dependência emocional para compreendermos o porquê as mulheres ainda permanecem na relação, de acordo com a autora a dependência vai além do amor, a pessoa para se sentir bem precisa da presença do outro seja ele parceiro, namorado ou marido, é como se ela se anulasse e só conseguisse viver se existir o outro para lhe dar suporte. Os principais fatores que pode ser identificados na relação de dependência é a tristeza, a incapacidade de viver sozinha, a mulher não tem vida própria, todos os seus afazeres tem que girar em torno do companheiro, não consegue viver sem ele, tem a idealização de que algum dia ele irá mudar.

Através dos estudos bibliográficos pode-se notar o grande impacto da dependência emocional nas mulheres, e seus relacionamentos agressivos, a partir disso esse estudo tem como principal objetivo verificar o impacto da dependência emocional e sua influência na permanência dos relacionamentos abusivos e como objetivos específicos: conceituar os tipos de violência contra mulher; explicar o que é dependência emocional; correlacionar violência com a dependência através da análise do comportamento; expor as consequências emocionais da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos.

2. Método

2.1. Participantes

Participaram dessa pesquisa 03 mulheres com as seguintes idades: 19, 26 e 36 anos, todas vítimas de violência, que compareceram à Delegacia Especializada ao Atendimento á

Mulher da cidade de Catalão Goiás para fazer denúncia ao agressor pelo qual elas possuem ou já possuíram vínculo afetivo.

2.2. Instrumentos

Como instrumento de pesquisa utilizou-se o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e um questionário semiestruturado que foi empregado pelas autoras Pereira, Camargo e Aoyama (2018) foi realizado uma aplicação sistemática desse questionário que contém perguntas que identificam a permanência da mulher no relacionamento abusivo a partir da identificação das variáveis, contendo perguntas em que as mulheres pudessem relatar como é o seu relacionamento, se consideram a relação boa ou ruim, se acreditam ter sofrido algum tipo de agressão, quanto tempo permaneceram na relação, identificação de fatores que fizeram com que se mantivessem no relacionamento, a opinião delas a respeito da violência, se as afetou ou não, seus sentimentos com relação à denúncia, contato que elas tem atualmente com o agressor, como elas se sentem hoje, qual sentimento tem pelo agressor, e o que diriam para uma mulher que está sofrendo agressão. Todos esses fatores permitiram identificar quais fatores podem auxiliar na manutenção desse comportamento funcional.

2.3. Procedimentos

Foi requerida a Delegada de Polícia que assinasse o termo de autorização para realização da pesquisa, e aguardou-se a chegada das vítimas a delegacia para registro da violência, após o registro dos fatos com a escrivã, foi solicitado que elas respondessem o questionário da referente pesquisa.

2.4. Análise dos dados

Os dados foram avaliados segundo o referencial da análise do comportamento que utiliza a análise funcional como ferramenta de compreensão dos comportamentos apresentados pelas participantes.

3. Resultados e Discussões

Logo após a aplicação do questionário foi realizada a análise das respostas e no decorrer dos resultados mencionaremos as participantes como R1, R2 e R3 no intuito de preservar a identidade das vítimas. Elas foram identificadas através dos dados gerais através da idade sendo cada uma das três com idades de 19, 26 e 36 respectivamente, duas com segundo grau completo e uma com segundo grau incompleto, com estado civil: solteira, divorciada e casada.

A primeira pergunta do questionário faz referência a fala das respondentes sobre seu relacionamento, as respondentes R1 e R3 relataram que seu relacionamento sempre foi muito conturbado, apresentando vários desentendimentos, brigas, humilhações, discussões e agressões. A R2 informou que no começo sua relação era boa e lhe fazia muito bem, mas que no final da relação tudo foi ficando conturbado e ela resolveu se separar, aumentando os conflitos, pois o marido não aceitava a separação.

Fonseca et. al. (2012) relatam que violência com humilhações, em que o homem tenta a todo o momento diminuir a mulher, afetando sua autoestima e lhe causando problemas emocionais é denominado de violência psicológica e que é através dela que todas as outras violências vão sendo incorporadas a ela dura durante todo o ciclo de violência, por isso as participantes relataram que o começo do relacionamento foi de brigas, humilhações mas que mesmo com esses fatores consideravam a relação como “boa” e se cada uma for analisar a conjuntura em que viviam iriam notar o quanto a violência psicológica já estava perpetrada na relação o que culminou no mais tardar nas agressões físicas.

Na segunda pergunta foi questionado as participantes o que a relação teve de bom e de ruim para elas, a R1 respondeu que de bom a filha e de ruim “foram todos nossos momentos de briga, ele me ameaçava muito, sofri por diversas vezes em ter que aguentar tudo calada, ao ponto dele me agredir quase todos os dias”. R2 relatou que de bom foi a filha e que de ruim foi a traição já R3 relatou que de bom foram os filhos que tiveram a partir da relação, mas que de ruim foi o tempo perdido junto ao parceiro que só a fez sofrer. Nesta segunda parte torna-se evidente os relatos de agressões verbais vivenciadas por elas o que comprova ainda mais a violência psicológica ocorrendo sempre a priori.

Na terceira pergunta foi indagado se elas consideraram o que viveram como um tipo de agressão e todas responderam que sim, e que as consideravam como agressão física e psicológica, a violência psicológica ou emocional e a violência física são as mais frequentes,

porém a violência psicológica é mais encontrada principalmente nas modalidades de humilhações, xingamentos e desprezo (FONSECA, et.al. 2012).

Silva et. al. (2005) relatam que a principal diferença entre a violência física e psicológica é que na primeira há agressão corporal enquanto que na segunda são palavras, olhares que coagem, humilham, constrangem, sem ao menos haver um contato físico.

A quarta pergunta foi com relação a evidencia de pensamentos e sentimentos que vivenciaram durante a relação. R1 afirmou que no começo achava que ele seria um bom marido, que a compreenderia, mas que depois todas suas concepções se desmoronaram “notei o quanto ele era mau, meu sentimento era de inferioridade ao mesmo tempo mesclada a raiva, ira”. R2 afirmou que sempre teve pensamentos bons com relação ao marido que mesmo após todo acontecido referente a traição ainda achava que tudo poderia melhorar, pois ele era um homem bom e que lhe fazia bem “sonhava em ter mais filhos com ele e construir toda uma vida ao seu lado”. R3 afirmou sempre sentir medo durante todo o tempo na relação principalmente quando ele estava em casa, “me sinto coagida, sem saída, é como se estivesse todos os dias sendo crucificada pela mesma pessoa”.

Neste caso, há um misto de sentimentos, pois ao mesmo tempo em que as mulheres veem o homem como um agressor, mal, capaz de matá-la, também se deparam como uma pessoa boa, que sempre faz o bem, Fonseca et.al. (2012) apontam que essa “confusão” perceptiva pode ser a explicação do porque a violência persiste por tanto tempo durante a relação, e porque ela é sempre considerada como um ciclo violento. Ou seja, essas mulheres uma vez que passam por momentos bons e alegres mesmo que estão diante da violência elas sempre vão esperar por uma “gratificação” o que faz com que o ciclo de violência nunca termine.

Com relação ao tempo de permanência no relacionamento R1 continuou na relação por 2 anos e 6 meses e o que a manteve presa na relação foi sua filha “sentia como se eu não desse conta de sustentá-la sozinha [...]”. R2 informou que permaneceu na relação por 10 anos e o que a manteve esse tempo todo foi o amor que sentia por ele, “tinha medo de não encontrar uma pessoa que eu amasse tanto como amava ele, mesmo com todas as agressões me sentia protegida, era um amor incomum [...]”. R3 já relatou que só não se separava pois tinha dó de como ele ficaria sem ela, com todos os problemas financeiros que enfrentavam e também por conta de seus filhos.

Carneiro (2003) afirma que as mulheres se colocam em condições de desigualdades relatando que não conseguem sustentar os filhos sozinhas, que não vão encontrar um amor como esse ou até mesmo informando que sentem dó dos parceiros, ou seja, se tornam vulneráveis a sua integridade física e emocional, ficando com a condição mental totalmente fragilizada e sempre com a esperança de que o parceiro mude por isso rementem ao sentimento de pena e compaixão por eles.

Já quando o discurso volta a questões relacionadas aos filhos em que a mulher afirma não conseguir sair da relação por causa deles, visto que esses consideram o pai como um protetor, cuidador, Jong et. al. (2008) afirmam que as crianças aparecem nesse cenário como vítimas e a mãe percebe que se realizar a denúncia contra o pai ela estará privando as crianças de segurança, bem-estar, abstendo-os de viver em um lar estável e poderá acarretar nela um sentimento de culpa e de temor por ser julgada pelos filhos, por isso permanecem na relação conflituosa.

Day et. al. (2003) apontam que os motivos mais alegados para continuar em um relacionamento são o medo da retaliação, perda de suporte financeiro, apoio da família, dos amigos, esperança de que o agressor irá mudar um dia, preocupação com filhos e dependência financeira e emocional como no caso da R2 que expressa de forma contundente sua dependência emocional pelo agressor, pois relata ter medo de nunca mais amar uma pessoa que nem ele, ou de nem mesmo encontrar outra pessoa para se relacionar.

Foram questionadas as participantes se elas achavam que a violência havia afetado sua vida e se sim qual o âmbito mais afetado, R1 informou que afetou muito principalmente no trabalho, R2 já informou que a violência afetou sua autoestima, pois se sentia desvalorizada, não amada, sentia-se feia “tinha medo de sair na rua e as pessoas rirem de mim, me inferiorizei durante todo o tempo”. R3 informou que não conseguia realizar as atividades de casa, a violência a impossibilitou de ter uma vida rotineira tranquila, “é como se afetasse todo o meu corpo internamente, não conseguia nem pensar direito [...]”.

Por diversas vezes as sequelas psicológicas das agressões são ainda mais graves que a violência física, a experiência do abuso destrói a autoestima, fazendo com que a mulher tenha grandes consequências psicológicas podendo levar a depressão, fobia, estresse pós-traumático, tendência ao suicídio e consumo abusivo de álcool e drogas (DAY et. al. 2003).

Jong et. al. (2008) expõem que muitas das vezes o conflito conjugal amplia-se fazendo com que a mulher tenha mais conflitos familiares, má desempenho no trabalho, sendo prejudicada em várias esferas de sua vida.

Na oitava pergunta foram questionadas as participantes quando e como que ela tomou a decisão de denunciar, R1 informou que foi depois que o parceiro pegou a faca para matá-la, “[...] Quando percebi que era minha última chance de me manter viva, que naquele momento ele iria me matar, já sai de casa correndo e determinada a dar um basta na situação”. R2 informou que foi depois de muitas agressões “era como se algo me falasse que era para eu denunciar, que já basta toda humilhação enfrentada.” A R3 informou que o limite foi quando ele começou a agredir também seu filho de 10 anos, a partir daquele momento ela relata que “[...] é como se tivesse surgido uma força dentro de mim, que me incentivasse a dar um basta na situação”.

A intencionalidade das mulheres ao denunciar vem acompanhada por um misto de sentimentos, ao denunciarem as mulheres se apoiam na possibilidade de acabar com aquele sofrimento, e ao mesmo tempo acabar com a situação relacional com o companheiro de “não aceita e nem aguenta mais”, toda essa situação gera nas mulheres sofrimento, medo, submissão e algumas pensam até mesmo em tirar sua própria vida, relatam também que todo sentimento que existia pelo companheiro se acaba e vem o desgosto e o único sentimento que sente por ele é o de medo (VIEIRA, et. al. 2012).

A seguinte pergunta foi sobre o sentimento com relação ao ato da denúncia, R1 informou que se sentiu aliviada, a R2 relatou que se sentiu constrangida, pois era um ambiente que ela não estava acostumada e tinha medo também com relação a atitude do companheiro após saber que ela havia o denunciado. Já R3 disse que se sente mal por denunciar um homem que ela considera bom, íntegro, mas que a tem prejudicado, e relata “[...] esse sentimento não irá passar tão cedo”.

Jung et. al. (2008) relatam que ao denunciar as mulheres sentem medo, insegurança, pois estão lidando com algo que é desconhecido, mas ao mesmo tempo se sentem que adquiriram autonomia para lidar com aquela situação que tanto lhe importunava.

Deeke et. al. (2009) expõem que as mulheres sentem vergonha ao ter que informar que são agredidas pelo parceiro fisicamente e seu maior sentimento é o de constrangimento e, também quando denunciam seus parceiros esperam encontrar nas instituições públicas uma rede de apoio e nem sempre isso acontece.

Na décima pergunta foram questionadas as participantes qual era o contato delas com o agressor atualmente e as três relataram não ter nenhum contato com o agressor. Na seguinte questão foi interrogado a elas sobre os sentimentos delas nos dias atuais, R1 e R2 responderam que estão se sentindo bem e aliviada enquanto que R3 se sente mal, chateada e desamparada.

Através desse relato pode-se perceber que R1 e R2 adquiriram autonomia conforme pontuado por Jung et.al. (2008) em seus estudos, enquanto que R3 ainda se encontra dependente emocionalmente de seu parceiro e por esse motivo sente-se mal, e não encontrou na justiça o devido apoio que esperava encontrar.

Uma das perguntas buscou entender o sentimento da vítima em relação ao agressor, R1 relata sentir ódio, raiva, quando se recorda do companheiro, R2 e R3 relataram ainda ter o sentimento pelo agressor e ainda gostam deles e se incomodam por estar denunciando.

Ao evidenciar as respostas das participantes nota-se a dependência emocional como fator primordial da manutenção dos sentimentos delas. De acordo com Lins (2017) a dependência emocional nada mais é que um reforço negativo, que leva em consideração o medo da perda do afeto do companheiro, ou seja, quando alguém fica junto por hábito ou dependência como no caso delas que conviviam diretamente com a agressão e que só se mantinham na relação por dependência não é raro desencadear um sentimento de ódio pelo parceiro mesmo que inconsciente como no caso do relato de R1.

Na última pergunta foi questionado o que elas diriam para uma mulher que está sofrendo agressão hoje, R1 relatou que diria para ela denunciar e nunca aceitar esses tipos de abusos seja ele físico ou psicológico, R2 disse “denuncie na primeira agressão, não deixe com que ele te agrida mais vezes, pois ele não irá melhorar [...]” e R3 declarou que sugeriria que as mulheres ouvissem o coração e não o que os outros dizem.

Parente et. al. (2009) relatam que quando a mulher relata que é importante denunciar significa que ela acredita nos procedimentos que ela fez e que acredita na instituição em que foi para denunciar e, além disso, acredita na eficácia do depoimento prestado juntamente a polícia, o que faz com que elas adotem práticas que possibilitem mudança de comportamento e promova transformações que a impedem de voltar para situações de violência.

Considerações finais

Através dos estudos realizados pode-se concluir que a dependência emocional é um fator primordial que faz com que a mulher permaneça na relação de violência, o medo de não encontrar alguém que a ame na mesma intensidade que ela, alguém que a valorize, que a queira com filhos faz com que cada vez mais ela se torne dependente da relação.

Outro fator evidenciado através do questionário aplicado é que a mulher não deixa o parceiro por pena dele, a dó de pensar como ele irá sobreviver sem ela, sobre o que ele vai fazer da vida dele sendo que não tem ela para lavar, passar, cozinhar e realizar aos autos-cuidados a ele é o que Fonseca et.al. (2012) determinam como confusão mental, misto de sentimentos, desespero, tristeza e raiva por passar pela situação de violência e ao mesmo tempo a pena, a dependência que tem pelo parceiro.

Quando a mulher começa a verificar os fatores que estão levando a permanência na relação e deseja dar um basta na situação, então começa a ter autonomia e começa a fazer escolhas que lhe permitem ter uma vivência diferente do que ela está acostumada, sendo a partir desse momento o encerramento do ciclo de violência e a atitude do ato da denúncia (PARENTE, et. al. 2019).

Com o questionário replicado pode-se perceber que existem outros fatores que corroboram para a permanência da mulher na relação violenta como a dependência financeira, os filhos, a falta de apoio familiar, o medo de o agressor ficar mais violento, a esperança de que ele é uma boa pessoa e que pode mudar, porém o fator primordial de análise foi a dependência emocional.

Para efetivação na pesquisa poderia ser melhor um questionário exclusivo de dependência emocional, deixando em aberto para novas pesquisas sobre o tema, sendo necessários mais estudos que auxiliem as mulheres a compreender os fatores pelos quais se mantêm na relação e a importância delas denunciarem e procurarem ajuda, em busca de uma maior autonomia e qualidade de vida.

Referências bibliográficas

CARDOSO, N. M. B. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: ZANELLA, A. et al. (Orgs). **Psicologia e práticas sociais**. 19. ed. Porto Alegre: Abrasposul, 1997.

CARNEIRO, S. Mulheres negras, violência e pobreza. In: Secretaria de Políticas para as Mulheres, **Diálogos sobre violência doméstica e de gênero: construindo políticas para as mulheres** (pp. 11-17). Brasília, DF: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2003.

CHIESA, M. **Radical behaviorism: the philosophy and the Science**. Boston: Autors Cooperative, 1997.

DAY, V. P. et al. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, n. supl 1, p. 9, 2003.

DAMASCENO, C. **Dependência emocional ou amor? Você vive que tipo de relacionamento?**. Mulheres bem resolvidas, 2018. Acesso em: 31 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.mulheresbemresolvidas.com.br/dependencia-emocional/>

DEEKE, LEILA PLATT et al. A dinâmica da violência doméstica: uma análise a partir dos discursos da mulher agredida e de seu parceiro. **Saúde e Sociedade**, v. 18, p. 248-258, 2009.

FONSECA, D. H. da; RIBEIRO, C. G. ; LEAL, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. **Psicologia & Sociedade**, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2012.

GROSSI, M. P. Rimando amor e dor: Reflexões sobre a violência no vínculo afetivo-conjugal. In M. P. Grossi, & J. Pedro (Orgs.), **Masculino e feminino, plural** (pp. 293-313). Florianópolis: Mulheres, 1998.

JONG, L. C.; SADALA, M. L. A.; TANAKA, A. C. D.'A. Desistindo da denúncia ao agressor: relato de mulheres vítimas de violência doméstica. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 42, n. 4, p. 744-751, 2008.

LEI N. 11.340, DE 17 DE AGOSTO DE 2006. Lei Maria da Penha. Brasília, DF. Retrieved from http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm

LINS, R. N. **Dependência emocional e amor se confundem**. Retrieved from <https://reginavarro.blogosfera.uol.com.br/dependenciaemocionaleamorseconfundem>. 2017.

NENO, Simone. Análise funcional: Definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 5, n. 2, p. 151-165, 2003.

PARENTE, de O. E.; DO NASCIMENTO, R. O.; DE SOUZA VIEIRA, L. J. E. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. **Estudos feministas**, p. 445-465, 2009.

PEREIRA, D., CAMARGO, V., & AOYAMA, P. Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: Um estudo prático. **Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva**, 20(2), 6-22, 2018. <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v20i2.1026>

SILVA, L. L. da; COELHO, E. B. S.; CAPONI, S. N. C. de. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, p. 93-103, 2007.

SKINNER, B. F. **Ciencia e comportamento humano** (11th Ed.). São Paulo: Martins, 2003.

VIEIRA, B. L. et al. Intencionalidades de mulheres que decidem denunciar situações de violência. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 25, n. 3, 2012.